

O URBAN SKETCHERS COMO FENÔMENO GLOBAL

UrbanSketchers as a global phenomenon

Paulo Henrique Tôrres Valgas ^a

 <https://orcid.org/0000-0003-0190-4864>

E-mail: paulotorres_1989@hotmail.com

^a Instituto Federal Catarinense/Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil.

RESUMO

O artigo busca mostrar como ferramentas conceituais e metodológicas da História Global podem contribuir para pensar o movimento de desenhistas urbanos chamado Urban Sketchers (USk). Por se tratar de um fenômeno global, essa análise lança mão de noções alternativas de espaço, escalas flexíveis e explicações causais a nível global, buscando abandonar nacionalismos metodológicos e essencialismos. Sendo um movimento que põe em contato pessoas de lugares os mais distantes possíveis e busca, como seu objetivo, formar uma comunidade global de compartilhamento de desenhos, a abordagem da História Global pode oferecer ajuda de valor para melhor compreender esse fenômeno que tem crescido ao redor do mundo há quase dezesseis anos.

PALAVRAS-CHAVES

História Global. Desenho urbano. Urban Sketchers.

ABSTRACT

The paper attempts to show how conceptual and methodological tools of Global History can contribute to thinkin about the movement called Urban Sketchers (USk). Because it is a global phenomenon, this analysis makes use of alternative notions of space, flexible scales and causal explanations at the global level, and seeks to abandon methodological nationalisms and essentialisms. As a movement that brings together people from the most distant places and aims to create a global community of sharing drawings, the Global History approach can provide valuable assistance in understanding this phenomenon that has been growing around the world for almost sixteen years.

KEYWORDS

Global History. Urban drawing. Urban Sketchers.

O *Urban Sketchers*, movimento de desenhistas urbanos fundado por Gabi Campanario em 2008, tem tido um alcance muito amplo e se tornado um fenômeno mundial, constituído por entrelaçamentos, compartilhamentos e contribuições internacionais entre seus membros. Assim, este artigo busca pensar o *Urban Sketchers* como um movimento global, destacando noções alternativas de espacialidade, sem restrições fronteiriças e sem o privilégio de um lugar em detrimento de outro. Para isso, a abordagem da História Global oferece conceitos e ferramentas importantes, como o abandono do nacionalismo metodológico e do eurocentrismo e o uso de escalas flexíveis, intercalando o global e o local.

URBAN SKETCHERS: MOSTRAR O MUNDO, UM DESENHO POR VEZ

Em 2007, o jornalista e ilustrador do *The Seattle Times*, Gabi Campanario, espanhol que havia se mudado recentemente para os Estados Unidos, passou a sair às ruas de sua nova cidade e desenhá-la. Os resultados eram publicados em sua página no *Flickr*. Um ano depois, ele convidou um grupo de pessoas de diversos lugares, como Itália, Espanha, Portugal e Cingapura, que acompanhavam seu perfil, para compartilhar seus desenhos e respectivas narrativas em um *blog* que ele chamou de *Urban Sketchers* (USk). Em 2009, o USk tornou-se uma organização internacional, composta por membros de diversos países. No *site* oficial do movimento, ele é definido como “uma organização internacional sem fins lucrativos dedicada a fomentar uma comunidade global de artistas que praticam o desenho de locação” (Urban Sketchers Blog).

O objetivo do movimento é “elevar o valor artístico, narrativo e educacional do desenho de locação, promovendo sua prática e conectando pessoas ao redor do mundo que desenharam no local onde vivem e para onde viajam”. Conta também que a comunidade se formou “para todos os *sketchers* afora que amam desenhar as cidades onde vivem e visitam, da janela de suas casas, de um café, em um parque, em uma esquina, sempre no local, não de fotos ou pela memória.” Campanario desejava que os leitores do blog pudessem “ver o mundo, um desenho de cada vez”, lema principal do movimento. O blog ajudou a comunidade a ganhar visibilidade e inspirou entusiastas do desenho de todas as partes, afirma o *site*.

O USk tem um manifesto, que em oito itens aponta aquilo que identifica ou não suas práticas. Embora esteja disponível oficialmente em inglês, há tradução para as mais diversas línguas,¹ o que facilita a compreensão da proposta do movimento, visto que, por exemplo, a palavra mais comumente traduzida para *sketch* em português seria esboço, ou, no meio técnico/acadêmico, croqui. O manifesto em sua versão brasileira traz o termo desenho, que produz uma compreensão melhor para a nossa realidade. Já em espanhol, a palavra utilizada é *dibujo*, e não *diseño*, que evoca uma produção mais profissional, relacionada ao *design* (Valgas, 2017). Segue o manifesto, disponível no blog oficial:

1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos.
2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos.
3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar.
4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando.

¹ São as seguintes: alemã, armênia, basque, bengali, catalã, checa, chinesa, coreana, dinamarquesa, espanhola, francesa, hebraica, holandesa, húngara, italiana, japonesa, latina, malásia, polonesa, portuguesa do Brasil e de Portugal, russa, suaíli, sueca e ucraniana

5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos.
7. Nós compartilhamos nossos desenhos online.
8. Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

O *Urban Sketchers* foi incorporado como uma organização sem fins lucrativos no estado de Washington em 2009 e ganhou reconhecimento como uma organização isenta de impostos pela Receita Federal dos Estados Unidos em 2011. Apesar do registro local, a abrangência do movimento é internacional, como podemos ver no *blog*, quando se descreve o trabalho dos *Urban Sketchers*:

- Mantemos uma rede de blogs e grupos *online* onde os *urban sketchers* podem compartilhar seus desenhos e histórias e interagir uns com os outros.
- Uma vez por ano, organizamos o Simpósio Internacional *Urban Sketchers*, do qual participam centenas de entusiastas do desenho. O evento é realizado em uma cidade diferente a cada ano e inclui palestras, atividades e *workshops* ministrados por educadores profissionais, arquitetos, ilustradores e artistas.
- Organizamos oficinas de desenho urbano em cidades de todo o mundo. Desde nosso primeiro Simpósio internacional em Portland em 2010 e o lançamento de nosso Programa de Workshops em 2011, mais de mil pessoas assistiram às aulas ministradas por nossa equipe de instrutores.
- Publicamos o *Drawing Attention*, uma publicação mensal² com notícias de instrutores e comunidades *Urban Sketchers* em todo o mundo.
- Temos parcerias com organizações como escolas, universidades, museus, municípios e associações comerciais para criar eventos que promovam a arte de desenhar no local.
- Oferecemos oportunidades de patrocínio a empresas e corporações para atingir um público global de pessoas interessadas em desenhar e fazer *sketches*.

Para iniciar um grupo de *Urban Sketchers* em um país, criando o que se chama *USk Regional Chapter*, é necessário ter uma comunidade inicial de desenhistas, uma plataforma virtual gratuita e três administradores comprometidos com a missão e o manifesto do movimento, dispostos a organizar os encontros e partilhar seus desenhos. Os interessados preenchem um formulário e aguardam aprovação. Para auxiliar o trio responsável são escolhidos os correspondentes, que também fazem postagens, convidam novos membros e organizam os encontros locais. Assim, um *USk regional chapter*

é uma comunidade que deseja conhecer, desenhar e compartilhar, e que promove a missão e o manifesto *Urban Sketchers*. O *USk* começou como um grupo de desenhistas internacionais compartilhando seus desenhos em um único *blog*. Mas logo esses e outros desenhistas formaram grupos com laços geográficos mais próximos, alguns em cidades, como *USk Seattle*, alguns em países, como *USk Portugal*.

As palestras, oficinas, parcerias e patrocínios ocorrem a partir da organização internacional, mas também das atividades dos grupos locais. Nos simpósios internacionais, é possível perceber de forma mais clara como elas funcionam. Já foram sede destes eventos as cidades de Portland (2010), Lisboa (2011), Santo Domingo (2012), Barcelona

² Desde 2021 a periodicidade tem sido trimestral.

(2013), Paraty (2014), Singapura (2015), Manchester (2016), Chicago (2017), Porto (2018), Amsterdã (2019) e Auckland (2023)³. O simpósio de 2020 deveria acontecer em Hong Kong, mas foi cancelado devido a pandemia do covid-19, assim sucedendo nos dois anos seguintes. Em outubro de 2024 deverá ocorrer o décimo-segundo simpósio em Buenos Aires. Há grupos de *sketchers* em todos os continentes, como vemos no mapa (imagem 1), atualizado em 2024. As regiões que concentram mais grupos estão na América do Norte, sobretudo Estados Unidos, capitais e grandes cidades brasileiras, Europa Ocidental e sudeste asiático, coincidindo que em sua maioria são áreas mais urbanizadas e/ou com mais acesso à internet.

Imagem 1 - Mapa de *Urban Sketchers chapters*. 2024.



Fonte: <https://urbansketchers.org/where-we-sketch/#map>. Acesso em 21 mar. 2024.

Nas duas imagens a seguir, podemos ver saídas pelas ruas para praticar o que foi aprendido nas oficinas dos simpósios: Na imagem 2, vê-se uma atividade proposta pelo *sketcher* canadense Marc Taro Holmes, chamada “*Drawing People in Action*”. Os aprendizes estão compenetrados, integrados ao lugar, sentados no chão ou de pé, enquanto duas pessoas observam a cena, curiosas. Uma delas fotografa o desenho, provavelmente pronto para publicação *online*. Na imagem 3, vemos o *sketch* de Darman Angir, feito no simpósio de 2019, em Amsterdã. Podemos perceber objetos pelo chão, pertencentes a *sketchers* que estão em atividade - inclusive um deles desenha próximo à parede. Vemos os prédios e percebemos que a cena retratada já está modificada: as pessoas do canto no desenho já seguiram e a sombra do sol já se movimentou.

³ Página de cada simpósio se encontra em: <https://urbansketchers.org/usk-symposium/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Imagem 2: *Workshop* no Simpósio *Urban Sketchers* em Barcelona, 2013. Foto por Marc Taro Holmes, 2013.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/marctaro/10464884545/in/album-72157636914744606/> Acesso em: 16 ago. 2021

Imagem 3: Simpósio *Urban Sketchers* em Amsterdã, 2019. Foto postada por Darman Angir, 2019.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=2515952615135844&set=pcb.1318014878345946> Acesso em: 16 ago. 2021

UM MOVIMENTO GLOBAL

Os elementos e características do universo USk citados anteriormente, como a busca por uma comunidade mundial, os eventos que ocorrem em lugares diversos, o objetivo de conectar pessoas e a prática do compartilhamento das experiências e técnicas evidenciam que esse movimento é cosmopolita e global por excelência. O manifesto por si só já evidencia o caráter móvel e viajante (fazer desenhos no local), narrativo (contar histórias vivenciadas), não hierárquico (valorização do estilo individual), sociável (apoio e desenho em grupo) e de compartilhamento (mostrar o mundo) que podemos observar no *urban sketching*.

Na dissertação “*Urban Sketchers* Brasil: memória e sensibilidade nas cidades contemporâneas” (Valgas, 2017), cuja proposta foi escrever sobre o movimento no Brasil, por inúmeras vezes outros países aparecem no texto. São exemplos a influência sobre membros brasileiros ou os encontros que aconteceram em viagens de *sketchers* brasileiros para fora do país, ou vice-versa, casos de *sketchers* estrangeiros que vieram ao Brasil, como no simpósio nacional de 2014, mas também em viagens isoladas. Assim, dificilmente seria possível escrever sobre a história de um grupo local ou nacional de *Urban Sketchers* sem recorrer às influências externas, como um fenômeno endógeno. Ao contrário, o USk é cosmopolita, surgiu dentro de um país com fronteiras delimitadas, mas pelas mãos de um imigrante espanhol e espalhou-se pelo mundo todo através da ação de pessoas de diversas origens e nacionalidades. Como escrever essa história sem destacar sua constituição heterogênea?

Para isso, a História Global pode oferecer conceitos e ferramentas interessantes. Desde os anos 90, essa abordagem, confundida por vezes com a história da globalização, tem levantado muitas discussões sobre suas possibilidades e eficácias, apesar de ter sido utilizada metodologicamente para tratar de assuntos específicos da contemporaneidade e mesmo de períodos passados. Para o *Urban Sketchers*, a História Global pode oferecer noções alternativas de espaço, flexibilidade de escalas, a não priorização das metodologias e fronteiras nacionais, assim como buscar causas a nível global, sem deixar de evidenciar especificidades locais.

É importante evidenciar o alcance mundial, a constituição heterogênea e as interações que acontecem presencialmente e virtualmente no *Urban Sketchers*. “A história global que se pratica atualmente baseia-se na premissa de que é tanto possível como desejável dispor de quadros unificadores e de diálogo entre as diferentes sociedades e culturas”, nos afirma Conrad (2016, p. 246). Além disso, há de se destacar o papel essencial da internet, que possibilita uma interação entre o local e global, fenômeno que afeta diretamente tanto a prática dos membros quanto os caminhos que a organização toma.

É importante superar o nacionalismo metodológico, buscando noções alternativas de espaço, para além da fronteira nacional, que pode ser tomada como um mero fator administrativo. Não se trata de considerar a fronteira como ausente, nem imaginar totalidades planetárias, mas ultrapassar limites das unidades e compartilhamentos que as fronteiras nacionais costumam impor. Para a História Global, um evento não ocorre por si só, isolado geograficamente, mas “rompe com as antigas abordagens de compartimentação e, em particular, com a história nacional” (Conrad, 2016, p. 14). Por isso, abordar um determinado fenômeno ou conjunto de fatos limitando-os às fronteiras nacionais, seja em suas causas ou alcances, é uma das práticas que a História Global procura combater.

A diversidade cultural está presente tanto no *Urban Sketchers* quanto nos objetos de análise da História Global. É muito comum que os *sketchers* gostem de viajar, e são centenas os *sketches* que evidenciam as culturas, paisagens e pessoas encontradas ao

redor do mundo. Essa mobilidade promove o conhecimento e compartilhamento de inúmeras vivências ao redor do mundo. Por isso, nos aproximarmos da História Cultural Global também é importante, como defende Tamm (2020, p. 143), para quem, por meio dela, possamos estudar as trajetórias transculturais de pessoas, coisas e ideias, conectando “o nível microanalítico com um escopo espacial global, sem subestimar as complexidades nas trocas culturais e nas dinâmicas espaciais.” Podemos focar em redes que permitem o movimento de pessoas, coisas e ideias, assim como traçar trajetórias específicas de um ou mais desenhistas.

A imagem 4 mostra uma reunião no Rio de Janeiro com *sketchers* que vieram ao simpósio em 2014 e ficaram mais alguns dias na cidade. Estão desenhando Omar Jaramillo, da Alemanha, Shiho Nakaza e Suhita Shirodkar, dos Estados Unidos, Esther Semmens, da Escócia, Liz Steel e Claudia Jarjoura, da Austrália, Lynne Chapman, da Inglaterra, e Marc Holmes, do Canadá. *Sketchers* de seis países diferentes, reunidos no Brasil para desenhar a paisagem carioca. Esse não é um evento raro, embora em geral membros do país anfitrião também se unam aos visitantes. Nessa fotografia, se agita o passado, já que o Rio de Janeiro foi local de visita e apreciação de muitos artistas viajantes que, impressionados com a paisagem “exótica” do país, sentaram-se ante a ela e desenharam-na. A história do *Urban Sketchers* no Brasil é “invadida” por estrangeiros; da mesma forma, a história do movimento de cada país aqui representado é atravessada pelas paisagens brasileiras (isso fica evidente nas postagens dos blogs locais). Assim, pensar o *USk* fechado em um país ou limite geográfico é inviável e empobrecedor, pois a interconexão é uma de suas características e objetivos principais.

Imagem 4: *Sketchers* desenhando no Pão-de-Açúcar. Fotografia postada por Lynne Chapman, 2014.



Fonte: <http://www.urbansketchers.org/2014/09/eight-urban-sketchers-one-mountain.html>

Acesso em: 14 ago. 2021.

A opção pela abordagem global produz a escrita de uma história do *Urban Sketchers* que não prioriza uma nação específica, seja ela qual for, buscando um tratamento historiográfico mais condizente com sua realidade heterogênea. Os trabalhos acadêmicos em geral apresentam recortes temporais e espaciais para melhor delimitar e abordar seus objetos. Nesta pesquisa sobre o *Urban Sketchers*, porém, não há sequer um recorte

geográfico, porque as experiências citadas e abordadas vêm de diferentes lugares do mundo. Não há também um centro ou grupo local mais importante que outro e a organização internacional é formada por pessoas de diversos países, que contribuem conforme suas habilidades e possibilidades. Os simpósios anuais, que já aconteceram em Seattle, Barcelona e Manchester, mas também em Paraty, República Dominicana e Auckland, deram oportunidade para pessoas de distintos espaços terem mais facilidade de participar - pelo menos em relação à distância geográfica.

INTEGRAÇÕES

Conrad (2016) distingue três variantes de História Global: a história de tudo, a história das conexões e a história baseada no conceito de integração. Nos deteremos aqui nas duas últimas. “Uma unidade histórica — seja ela a civilização, a nação ou a família — não se desenvolve isoladamente e só pode ser entendida através das suas interações com outras” (2016, p. 85), afirma o historiador alemão. Termos como intercâmbio, relação, vínculos, entrelaçamentos, redes e fluxos são caros à História Global e podem ser encontrados nos discursos sobre si que os *urban sketchers* produzem. A conexão entre as pessoas e o compartilhamento dos desenhos são a chave do *urban sketching* em qualquer lugar do mundo.

O incentivo ao cosmopolitismo e a diversidade cultural estão presentes tanto do *Urban Sketchers* quanto da História Global. Os grupos de *sketchers* são abertos, se comunicam não só uns com os outros, mas com pessoas de lugares os mais diferentes possíveis. Durante os encontros, qualquer um é convidado a participar, independente do seu domínio técnico. Quando viajam, muitos *sketchers* logo procuram seus iguais para desenhar juntos. Esse caráter relacional está bem explícito no uso do termo “nós” no manifesto: “nós nos apoiamos e desenhamos juntos” e “nós compartilhamos nossos desenhos online”. O uso do pronome “nós” evidencia o caráter grupal, dizendo muito sobre os interesses e práticas do movimento: há sempre uma comunidade e ela é diversa.

Embora os grupos se dividam em locais, estaduais e nacionais, o fazer cotidiano propicia o estabelecimento de agrupamentos mais orgânicos. A proximidade geográfica é um fator importante, já que nem todos têm as condições devidas para financiar deslocamentos. Em Florianópolis, por exemplo, muitos encontros contam com a presença de *sketchers* de Curitiba, distante 300 km da capital catarinense, além de *sketchers* de outras cidades do estado⁴. Em 2014, Liege, na Bélgica, recebeu *sketches* da Espanha, Portugal, Itália, França, Dinamarca e Holanda para um encontro e os desenhos ficaram expostos por duas semanas na cidade. Na Espanha, além dos grupos locais, existem também o USk Andaluzia e o USk Catalunha.

André Duarte Baptista, de Torres Vedras, coordena um projeto chamado *Arte ao Centro*, que realiza intercâmbios entre Portugal, Brasil e Espanha, tendo o desenho como plataforma de articulação. Seu diálogo no Brasil é com o USk Araraquara, no interior de São Paulo, que estabeleceu um vínculo com a cidade portuguesa que os colocou em contato muito próximo e prolífico. Baptista já organizou uma exposição de desenhos feitos por colegas dos três países. Em 2016, ele esteve em Araraquara e ministrou um curso de desenho como parte do projeto. O correspondente local de Araraquara, Joel Venceslau, que participara do *Encontro Internacional de Desenho de Rua*, em Torres Vedras, em 2015, escreveu que:

⁴ Exemplos diversos estão no grupo *Urban Sketchers* Florianópolis no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/925364647576251>

Nesse encontro pude avaliar como é prazeroso desenhar em grupo, que de uma forma simples e despretensiosa nos apresenta no final de cada oficina uma bela produção de desenhos, a confraternização entre os participantes e também a integração dos desenhistas com o cotidiano local, registrando de forma intensa as paisagens e os costumes (VENCESLAU, 2016).

Ele cobriu o evento, que foi o primeiro no Brasil após duas edições em Torres Vedras. Houve exposições de alguns artistas portugueses e brasileiros em galerias e ateliers, oficinas e *workshops*, além de sessões de desenho em alguns pontos da cidade. O evento tem acontecido com frequência. Na imagem 9, vemos uma imagem da exposição feita após uma sessão, no 4º Encontro Internacional de Desenho de Rua, em Torres Vedras, em outubro de 2018. Essa exposição é muito comum nos encontros USk e acontece em gramados, muretas ou mesas expositivas, dando a chance de cada um mostrar sua produção recém-realizada. É interessante verificar a multiplicidade de formatos, cores, técnicas e locais diferentes representados.

Imagem 9: Exposição de desenhos no 4º Encontro Internacional de Desenho de Rua, em Torres Vedras, 2018. Fotografia postada por Bruno Vieira, 2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=bruno.m.a.vieira&set=a.10217366603060159>

Acesso em 16 ago. 2021.

Nos simpósios e na internet, o *sketcher* malásio Kiah Kiean ensinou a utilizar galhos cortados e bambus para desenhar, e a prática foi experimentada por Márcia Milner-Brage (2014), dos Estados Unidos, e Jony Coelho (2012), do Brasil. Mark Leibowitz criou o *Sketch-swap*, que são trocas de desenhos que acontecem após encontros específicos, compartilhando *sketches* com colegas de lugares distantes. Fernanda Vaz de Campos (2014) relatou especificamente o intercâmbio de paulistas com os *sketchers* de Nova York e afirmou que tal prática é uma ótima oportunidade para conhecer seus pares ao redor do mundo. Esses relatos evidenciam a importância de “investigar como a circulação, os movimentos e a mobilidade das pessoas, dos hábitos, das mercadorias e das ideias influenciam a construção das próprias comunidades e de seus espaços” (Silva, p. 10).

Sobre a qualidade e o alcance das conexões, a História Global apresenta algumas advertências. Quando se afirma que o *Urban Sketchers* é um fenômeno global, que atinge pessoas de diversos países, que em um simpósio se encontra o mundo todo, é bom lembrar que essa globalidade é uma figura de linguagem, porque sequer temos um representante de cada país do mundo. Isso não torna o movimento menos global, conforme Conrad (2016, p. 20) aponta: “o alcance das redes e das conexões pode variar e não tem de ser necessariamente planetário.” Ou seja, a História Global não pensa em uma história completa do mundo, que dê conta de cada microestrutura, mas

O que o termo “global” sugere é, portanto, uma abertura para prosseguir conexões e questões de causalidade além dos compartimentos e das unidades espaciais convencionais; revela simplesmente uma preocupação metodológica para ir além das familiares fronteiras geográficas (idem, p. 92).

Assim, escrever uma história global do *Urban Sketchers* não é dar conta de explicar cada micro-evento, em cada país, nem cada macro-estrutura regional onde o fenômeno se desenvolve, mas evidenciar os entrelaçamentos, os contatos, a formação de redes de compartilhamento de desenhos e experiências. Outro ponto a se destacar é que há diferentes graus de conexão. Por isso, embora elas estejam muito presentes na prática USK, não se deve generalizar ou reduzir o movimento ao resultado de conexões. Existem padrões e tensões mesmo entre grupos locais. Existem *sketchers* que sequer costumam viajar ou desenhar em grupo e eles não podem ficar excluídos. O fator linguístico também impede alguns contatos e é um fator limitante para o estabelecimento de conexões, já que o inglês é a língua oficial nas plataformas virtuais e nos simpósios. Ou seja, as conexões, embora presentes e importantes, não são uma chave para *todas* as explicações sobre o USK. Elas também não homogeneizam os grupos, que mesmo em contato, constituem suas identidades locais.

URBAN SKETCHERS DIANTE DO ESPAÇO

A História Global oferece a opção metodológica de não priorizar o limite nacional, não privilegiar um lugar em detrimento do outro. Trata-se do *Urban Sketchers* não no espaço, mas diante do espaço. Assim, o contexto local e geográfico é um dos fatores na busca por uma caracterização do movimento, mas não uma determinante. Isso transgredir formas mais tradicionais de pensar uma pesquisa acadêmica que delimita o seu objeto geograficamente de forma mais rígida. Assim, os limites são nublados e/ou explodidos: o *Urban Sketchers* existe no mundo, ainda que não seja no mundo, de forma genérica, mas em uma cidade local, que cada sketcher atua.

Os espaços visados para o desenho dos *urban sketchers* são, como o nome indica, pedaços da cidade, do espaço urbano construído, preferencialmente praças, cafeterias e prédios históricos e/ou turísticos. São poucas as experiências que não se dão nos centros urbanos, como praias, áreas rurais ou rodovias. Quando elas ocorrem, dão-se *in loco*, para que não destoe dessa característica inegociável do movimento. A escolha e a chegada aos locais para praticar o *sketching* demanda decidir ou ocupar um pequeno espaço onde se possa, tranquilamente, dispor seu material, observar a paisagem e verificar as condições para que o desenho se concretize. Por isso, fatores como a existência de um mínimo conforto para se sentar, sombra para se proteger do sol, chuva e vento e discricção para que os passantes não sejam atrapalhados em suas rotas ou que não se aglomerem excessivamente ao redor de si são levados em conta. Há, porém, diversificadas outras formas de *urban sketching*, com interesses que vão de cemitérios a apresentações

artísticas, movimento de carros, espaços de decadência, festas populares, filas de banco ou vagões de trem.

Para Lefebvre (1974), o espaço abrange a dimensão social e cultural de um determinado local físico, sendo percebido (apreendido por meio de todos os sentidos), concebido previamente em pensamento e vivido, experimentado, que não se deixa exaurir pela análise teórica, mas “permanece um excedente, um remanescente, o indizível, o que não é passível de análise apesar de ser o mais valioso resíduo, que só pode ser expresso por meio de meios artísticos.” (SCHMIDT, 2012, p. 104).

Aplicando essa definição na temática do *Urban Sketchers* e seus espaços de ocupação e abrangência, podemos observar as intervenções, as interações, a produção de significados e apropriações afetivas que a urbe possibilita. A escolha de um ponto para sentar, observar e desenhar é atravessada por interesses múltiplos e condições contextuais. Como, segundo Lefebvre (1974, p. 17), “o espaço social é constituído e experimentado, em primeiro lugar, através da corporeidade dos sujeitos”, esses locais são percebidos pelos sentidos, ocupados de forma a apropriar o espaço urbano, concebê-los como espaços para a concretização do direito à cidade e experimentá-los no sentido de expressar e produzir significados através dos desenhos.

Fortuna (2020, p. 146) desenvolve uma reflexão sobre a (micro)territorialidade, confrontando-a com as macroestruturas e, inserindo-as na realidade urbana, “que acomoda modos micro de apropriação e apresentação de indivíduos e grupos.” Para esse sociólogo português, há na (micro)territorialidade uma dimensão humana e territorial singular, onde o tecido urbano se converte em heterotopia, repleto de múltiplos significados e atividades, sejam elas brincadeiras e divertimentos ou o ato simples de estar parado. “Neste sentido, as (micro)territorialidades podem ser as teias de relações consistentes que se desenrolam nas praças e esquinas da cidade ou no recanto da domesticidade que a esfera da vizinhança e o ‘pedaço’ representam.” (ibidem, p. 37).

Esses (micro)territórios estão diante dos *sketchers* que caminham pela cidade, que sentam-se nos locais e apropriam-se deles, locais compostos por pessoas de diferentes visões de mundo, culturas e práticas. Os *sketchers* vão aos espaços turísticos da cidade, assim como em locais mais afastados, abandonados, “feios” e/ou “desinteressantes” e, ao se apropriarem, física e poeticamente, produzem seus próprios (micro)territórios. Vemos isso na imagem 2, no início do texto, vemos uma ocupação do espaço observada pela corporeidade dos desenhistas. Espalhados pelo chão, os *sketchers* exercem o direito ao espaço da urbe, e fazem desse espaço seu ateliê, seu local de experimentação e aprendizado, de vivenciar sociabilidades e trocas, de dialogar com outros, de observar os espaços, identificar gostos, de refletir sobre como a materialidade é projetada, como é mantida ou mesmo como é abandonada pelas esferas pública e privada.

Tina Koyama (2016), *sketcher* de Seattle, relatou que o *urban sketching* fez com que percebesse que os pontos turísticos de sua cidade nunca tinham sido vistos *de verdade por ela*. Na imagem 5 vemos Marina Grechanik, em um encontro de *sketching* em Tel Aviv, sentada no chão, encostada e desenhando, ocupando o lugar, gastando determinado tempo ali e marcando sua presença, o que é diferente de um passante ou de um turista que fotografa e rapidamente sai. Para além de uma interpretação da paisagem vista, que é transmitida pelo seu desenho, o processo físico/geográfico é importante para a desenhista, que produz algo que diz respeito ao local que vivenciou junto das pessoas que compartilhavam-no (desenhando ou apenas de passagem).

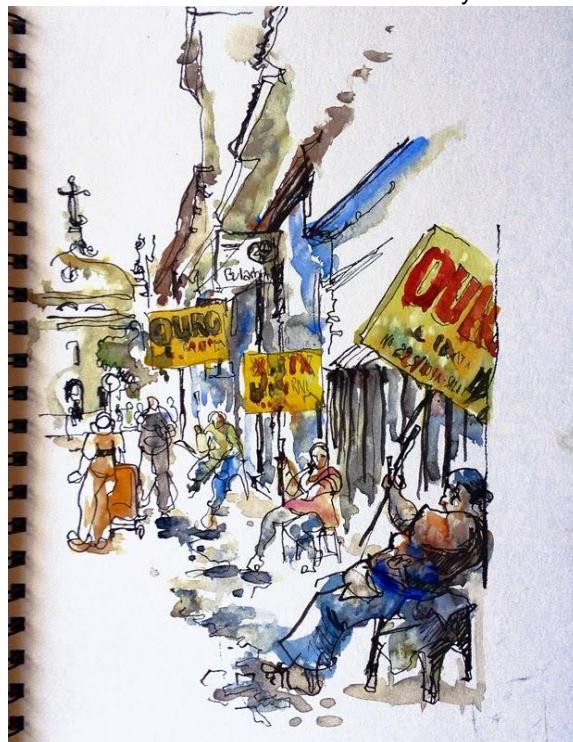
Imagem 5 - Fotografia de Marina Grechanik desenhando em Tel Aviv. 2014.



Disponível em: <https://urbansketchers.org/2014/02/11/all-squares-stage/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

Lee Yong-Hwan (2015), *sketcher* de Seul, escreveu que sempre que desenhava prédios à beira da estrada, ficava absorto em um cenário animado com o barulho da rua movimentada. Assim, o espaço reflete a forma como se dão as relações entre os indivíduos, como se criam e entrelaçam as identidades urbanas. A *sketcher* Suhita Shirodkar (2014) publicou algumas das suas memórias de desenhos nas ruas alagadas de Paraty, resultado da subida da maré, e de mulheres nas ruas do Rio de Janeiro segurando cartazes com os dizeres “Nós compramos ouro” (imagem 6). “Ver aquelas placas me fez pensar em todas as histórias que podem estar por trás do ouro que eles compram, de famílias tendo que vender suas heranças e memórias, de peças esculpidas sendo derretidas em apenas um pedaço de ouro”, escreveu a *sketcher*.

Imagem 6 - Desenhos de Suhita Shirodkar em Paraty e Rio de Janeiro. 2014

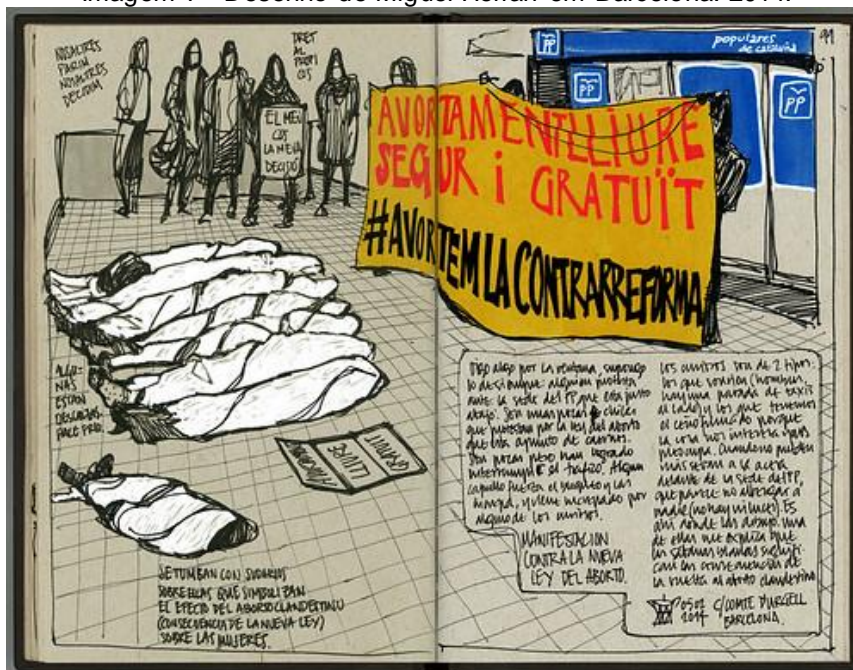


Fonte: <https://urbansketchers.org/2014/09/28/little-favorites-from-brazil/> Acesso em: 31 jul. 2023.

A produção social do espaço, para Lefebvre envolve a interação dinâmica entre relações sociais e o ambiente físico, de modo que não se trata apenas de materialidade física erigida, mas de processos de significação e de representação. Quando os *sketchers* desenhavam as paisagens urbanas, eles observam e representam não apenas a aparência física dos lugares, mas também as interações sociais e culturais que ocorrem nesses espaços. Assim, lidamos com uma diversificação não apenas de técnicas artísticas, mas de interesses e engajamentos sociais, como *sketchers* que desenhavam prédios em risco de demolição (Valgas, 2017). A forma pela qual a cidade sofre transformações através do cidadão que cotidianamente a usa e por ela é influenciado fica evidente nos registros que os *sketchers* produzem, seja em desenho, seja nos textos que escrevem sobre suas experiências.

Como exemplo, temos o desenho de Miguel Herranz em 2014 (imagem 7), com mulheres protestando na sede do Partido Popular em Barcelona contra uma lei que proibiria o aborto na Espanha. Elas estão envolvidas em sudários para representar a insegurança dos abortos clandestinos que levam mulheres à morte. Inma Serrano (2014) desenhava o *Corrala Utopía*, em Sevilha, onde os vizinhos encontravam-se num momento crucial e em negociações com o banco visando a não expropriação de seus lares (imagem 8). Eles exigiam à Câmara Municipal fornecimento de luz e água para as suas casas, substituída por um “constrangedor” chafariz na rua onde diariamente enchiam as suas garrafas. Ela escreveu: “Agora, mais do que nunca, eles exigem que a sociedade lute e não relaxe. Eles pedem apoio na luta para ficar em suas casas porque a moradia é um direito fundamental de todos nós. E porque esta luta é a nossa luta também.” No seu desenho há um homem sentado à calçada, com frases quebradas ao fundo, e no lado inverso da página há o poema “No te rindas”, do escritor uruguaio Mario Benedetti.

Imagem 7 - Desenho de Miguel Herran em Barcelona. 2014.



Fonte: <https://urbansketchers.org/2014/02/09/protest/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

Imagem 8 - Desenho de Inma Serrano em Sevilha. 2014.



Fonte: <https://urbansketchers.org/2014/01/15/corralla-utopia-resists/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

Esses desenhos, assim como todo o seu processo, podem ser relacionados ao espaço social global e a História Global pela variedade de cidades conectadas ao redor do mundo pela internet, como veremos melhor a seguir, a troca de experiências e perspectivas culturais que ocorrem nessas plataformas e em encontros presenciais, locais ou nos simpósios anuais internacionais. Enfim, não se trata de apenas uma experiência de desenho de características arquitetônicas e paisagísticas, mas de representação de aspectos da vida cotidiana urbana e das interações e conflitos sociais que cada contexto

cultural guarda, seja a gentrificação, as diversas desigualdades, o cuidado e denúncia dos usos do patrimônio cultural, todos temas que esses desenhos fazem estimular a reflexão.

UNIDOS PELO DESENHO

Afirmar que o *Urban Sketchers* está além das fronteiras e *diante do espaço* não significa afirmar irresponsavelmente que os contextos locais não são relevantes e determinantes para alguns dos aspectos que os grupos adquirem. Existem práticas que são comuns a todos os *sketchers*, que é o desenho *in loco* e seu compartilhamento *online*. Não se faz *urban sketching*⁵ sem isso. Mas como, o que e em que condições se desenha, isso depende do contexto local ou regional.

Durante o inverno, nos países mais ao norte, sair às ruas costuma ser impossibilitado por baixas temperaturas e mesmo fortes nevascas. Por isso, nesta estação do ano, alguns *urban sketchers* desenhavam dentro de casa ou se arriscam a sair de carro e desenhar de dentro dele, ou então dentro de cafeterias e bares. A experiência, assim, costuma ser mais solitária. Isso muda no verão, quando as pessoas se aglomeram, sobretudo em regiões praianas ou gastronômicas. No Brasil, quando quase sempre é calor, o número de desenhos é muito alto e as pessoas sentem-se mais à vontade para sair às ruas e desenhar. Cidades onde há universidades com cursos de Arquitetura ou *Design* tendem a ter tanto mais membros como maior interesse no patrimônio arquitetônico. Em Santa Catarina, por exemplo, as primeiras cidades com manifestações dos *urban sketchers* foram Joinville, Tubarão e Florianópolis, cidades onde existem tradicionais cursos de Arquitetura e onde seus principais organizadores foram arquitetos (Cláudio Santos, Jony Coelho e Jaqueline Silva, respectivamente).

Enquanto o padrão de periodicidade de encontros no Brasil é semanal ou quinzenal, geralmente dependendo do tamanho da cidade e de seu número de seguidores, capitais europeias como Madrid têm encontros a cada dois ou três dias, frequentados por pessoas de idade mais avançada, geralmente aposentadas, em horário comercial. Apesar de não haver um levantamento da classe social dos membros, observa-se que geralmente os *sketchers* são de classe média, já que em geral são arquitetos, artistas, *designers*; já que se demanda tempo livre e gastos com deslocamento e já que o lazer e o hobby não são direitos garantidos a todos. Ou seja, grupos desfavorecidos podem ter mais dificuldade de praticar o *urban sketching*, apesar de que cidades como Buchanan, na Libéria, têm tido um pequeno mas engajado grupo de *sketchers*, que lidam, por exemplo, com as dificuldades econômicas e de acesso a materiais de desenho.

Outros fatores determinantes são a violência e a mobilidade. Locais de fácil acesso são mais desenhados (pontos turísticos, espaços próximos a estações de metrô, cartões-postais). Desenhar com medo ou desviando-se de mendigos e pedintes obriga o *sketcher* a desenhar mais rapidamente, principalmente se estiver só ou em um grupo menor. Locais menos perigosos são mais desenhados. Países com menor criminalidade dão mais segurança para *sketchers* mulheres desenharem sozinhas (no Brasil, dificilmente isso ocorre). *Sketchers* europeias como Nina Johansson, da Suécia, costumam fazer isso e não há relatos de terem sofrido riscos maiores em suas experiências solitárias.

Mesmo que seja possível identificar essas especificidades, não há como determinar qual é o desenho típico de um país ou região. Cada cidade é influenciada pelo contexto, pela geografia, pelo clima, pela cultura, pelos seus correspondentes e organizadores, e mesmo assim cada *sketcher* tem sua *maneira*. Um dos tópicos do manifesto diz respeito a

⁵ Embora *urban sketching* possa se referir a qualquer prática de desenho urbano, o uso do termo aqui especifica o que se faz dentro deste movimento criado por Campanario.

utilizar todas as técnicas e aceitar todos os estilos individuais. Assim, uma classificação mais uniformizada dos *sketches* produzidos poderia ser feita por tema, por técnica, mas não por região geográfica. No livro de Campanario (2012), *The art of Urban Sketchers*, há um *tour* pelo mundo, cuja intenção é destacar a participação de pessoas de diferentes procedências. Em seguida, há inúmeras páginas com possibilidades de desenho, técnicas e locais, e os exemplos têm inúmeras origens geográficas.

O que a História Global tem a oferecer, então, é a noção de que o local não está isolado, num vácuo, que ele se une a outras cidades por esse fio condutor chamado desenho e que, neste sentido, as fronteiras e os contextos locais são menos relevantes que o caráter global do USk. Assim, cada fenômeno é local, mas diz respeito a algo global: desenhar cidades e compartilhá-las nas redes sociais. Ou seja, há de se caracterizar o movimento, que é mundial e interconectado (um USk nacional é atravessado pelas influências do USk internacional) sem deixar de mostrar a potência das suas especificidades.

Assim, não se trata de propor uma história nacional; tampouco uma história comparativa, que pode correr o risco de propor uma equiparação dos grupos ou então um olhar especial para outros, como se fossem únicos (características identificadas conceitualmente como *teleologia* e *ficção da autonomia*, respectivamente).⁶ Devem evidenciados as características específicas dos *urban sketchers* sem atrelá-las essencialmente à sua geografia ou fronteira. Nesse sentido, as conexões demonstram mais potência, e “ao invés de compararem duas unidades — dois países, duas cidades, dois movimentos sociais — como dadas e separadas, situam-nas, com precisão, dentro dos contextos sistêmicos com que ambas se relacionam e aos quais respondem de diferentes maneiras” (Conrad, 2016, p. 60).

O fio que une os *sketchers*, como também já demonstrado, é o desenho urbano *in loco*. Mas apenas isso não é capaz de explicar o fenômeno. Não há apenas membros do *urban sketchers* desenhando as cidades do mundo. Eles mesmos afirmam que antes de fazer parte do USk, já desenhavam, muitas vezes solitários e sem compartilhar *online* (geralmente com fins comerciais). Então, resta uma pergunta que o terceiro paradigma apontado por Conrad pode ajudar a responder: qual o fator global responsável pelo desenvolvimento do *Urban Sketchers* em países diferentes?

A resposta está em um fenômeno da globalização: o acesso à internet. Sem ela, o *Urban Sketchers* não teria essa proporção, tampouco dificilmente sairia do contexto de Seattle e os compartilhamentos se dariam apenas presencialmente, o que impediria sua explosão enquanto fenômeno global. Campanario (2012, p. 22) reconhece que “se não fosse a internet, a comunidade global permaneceria um desconectado grupo de artistas, (...) [ela] tem ajudado os *urban sketchers* a se encontrarem; como resultado, [há] mais encontros para desenhar juntos do que no passado”. Como afirma González (2005, p. 56), “los espacios de interacción que emergen de las redes informáticas, bautizadas tempranamente como comunidades virtuales, representan uno de los fenómenos más sobresalientes del desarrollo de Internet como sistema de comunicación a escala mundial”. Assim, se o desenho *in loco* caracteriza o *Urban Sketchers*, a internet os põe em contato.

“Uma das narrativas mais poderosas usadas para explicar a emergência da coesão global é a da mudança tecnológica e da evolução dos meios de comunicação de massas”, diz Conrad (2016, p. 125-126). A troca entre desenhistas sempre ocorreu, em menor grau, na história da humanidade. Não foram poucos os artistas que viajaram para aprender com

⁶ *Sketchers* com muito domínio técnico, experiência e com produção melhor elaborada ganham mais evidência. Não há de se romantizar e pensar que eles não sejam mais seguidos ou imitados, mas essa atitude não está entre os objetivos do movimento, que está menos preocupado com qualidade e mais com a propagação do ato de desenhar, inclusive seu fazer rápido, como a própria palavra *sketch* indica.

outros, ou mesmo para ter experiências locais em lugares diferentes dos seus. Mesmo aqueles que são considerados autodidatas, em alguma medida tiveram contatos significativos que influenciaram suas obras. Esses contatos, porém, em geral foram limitados por fronteiras nacionais ou continentais, mas também impulsionados pela invenção da imprensa ou da locomotiva e do navio a vapor, que ampliaram a circulação de pessoas e de livros/catálogos.

No século XXI, estamos diante de uma temporalidade bastante particular. A era da internet modificou nossas formas de comunicação e relacionamentos pessoais. Redes sociais, blogues, excesso de imagens e de informação são facetas bem contemporâneas e influenciam o desenho de paisagem. Uma imagem desenhada em um tempo mais longo, por exemplo, destoa das milhares de fotografias produzidas instantaneamente pelo turismo de massa. Isso é diferente de uma imagem desenhada por um pintor viajante do século XVIII, cuja representação de um determinado local poderia ser um dos poucos registros disponíveis para um público específico.

Em relação ao alcance, uma cidade pequena do interior do Brasil é afetada por um movimento formado por pessoas do mundo inteiro, assim como é exposta através dos desenhos. A possibilidade de interação, de estabelecer tantas conexões, que deram ao USK esse caráter tão abrangente, é um fenômeno resultante da globalização e da ampliação do acesso à internet. Mesmo quem não costuma viajar pode ser contemplado por esse fenômeno, assim como pela História Global, conforme Daytron (2018, p. 10) aponta, afirmando que “a integração global também engaja pessoas que de outra forma apareceriam isoladas do globo”.

Nenhum outro movimento de desenhistas teve antes esse rápido, mesmo instantâneo, compartilhamento de experiências. Durante a pandemia, houveram encontros virtuais via *Google street view*, por exemplo. Isso está absolutamente além de qualquer experiência anterior e é um exemplo literal da sincronicidade dos eventos históricos integrados globalmente. Assim como a produção simultânea, a exposição virtual também tem esse caráter. Já existiam exposições de desenhos em galerias, museus ou mesmo praças públicas, mas o *Urban Sketchers*, com a internet, abraça um novo modelo de expor.

[...] primeiro, as perspectivas da história global ultrapassam os meros estudos da conectividade, ao examinarem a integração estruturada de larga escala. Em segundo lugar, os historiadores globais perseguem o problema da causalidade até atingirem o nível global (Conrad, 2016, p. 87)

O acesso à internet ajuda a explicar também porque alguns locais aderem amplamente ao movimento. Não à toa, Estados Unidos, Canadá e a Europa Ocidental têm muitos membros, seguidos por países subdesenvolvidos, mas industrializados, como Brasil, Argentina, África do Sul e Singapura. Ou seja, o fenômeno é global, mas global especialmente para quem tem acesso à internet. Comunidades isoladas não têm acesso ao USK, embora façam parte do mundo/globo. No Brasil, as capitais e cidades grandes abrigam os maiores grupos de *sketchers*, mas a realidade é diferente no norte do país ou nas pequenas cidades. Assim, o motivo das conexões acontecerem não é fortuito. Se fosse o caso de depender das viagens e dos simpósios, apenas, os contatos seriam mais tímidos e esporádicos. Através dos *blogs*, *Youtube*, *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*, todos os dias são estabelecidas trocas, todos os dias vê-se o mundo, *um desenho por vez*. Inclusive é por meio deles que os encontros são combinados e anunciados. Ferramentas como o “eventos” do Facebook chegam a avisar o usuário, para que não se esqueça. Realidades conectadas, assim, evidenciam o tom ao mesmo tempo heterogêneo e unificado do *Urban*

Sketchers sob dois aspectos: o desenho in loco como prática e a internet como ferramenta de compartilhamento e expansão.

O LOCAL E O SUJEITO DIANTE DO GLOBAL

Importa lembrar, por último, que a ênfase nas estruturas não implica que os indivíduos, bem como a atividade humana em geral, já não sejam cruciais.[...] os processos de integração estruturada dependem dos indivíduos e dos grupos, das suas atividades quotidianas, que lhes conferem duração e estabilidade. [...] As estruturas podem fornecer as condições em que as pessoas atuam e em que os entrelaçamentos ocorrem, mas elas não determinam totalmente estas ações. A originalidade e a criatividade das ações humanas não podem ser previstas pelo simples estudo dos contextos (Conrad, 2016, p. 134).

Se constatamos que as conexões acontecem e sua causa global é a integração via internet, elas só existem porque em menor escala há inúmeros *sketchers* exercendo sua criatividade, movendo-se, inovando, capturando cenas e compartilhando-as. Para Daytron (2018, p. 13), a História Global trata de “uma nova sensibilidade aos agentes, forças e fatores históricos em escalas acima e abaixo das da nação ou região.” Assim, pensar o *Urban Sketchers* é pensar em um fenômeno global que põe em conexão realidades locais, ao mesmo tempo em que é alimentado por elas numa via de mão dupla. À medida que essas realidades locais se constroem, se conectam, se modificam, o caráter e as formatações do USk internacional vão se constituindo. Por exemplo, só houve um simpósio internacional em Cingapura porque houve *sketchers* locais interessados e dispostos a organizar o evento e receber os participantes. Ao mesmo tempo, esse evento impulsionou o USk na Ásia, assim como tem feito em locais onde acontece, pois a mídia também colabora, cobrindo-os:

No processo histórico, as diferentes escalas de investigação constituem-se mutuamente: os macroprocessos colossais afetam as sociedades até chegar ao nível individual, enquanto as mudanças que ocorrem no terreno podem afetar, por sua vez, as estruturas de maior alcance (Conrad, 2016, p. 168).

Deixar isso bem claro serve para não esquecermos que “a analogia das redes serve também para ligar pessoas reais a processos globais e para reabilitar o poder da ação individual face às grandes estruturas.” (Conrad, 2016, p. 155). Um ato de Campanario criou um fenômeno global, agora um fenômeno global alcança o local, altera ações pessoais cujo contexto global do USk torna-se pano de fundo. *Sketchers* vão aos simpósios e participam das oficinas, trazendo para seus países técnicas e ferramentas inovadoras para desenhar. O uso do caderno, o *sketchbook*, que não é uma regra, tornou-se uma ferramenta indispensável no *urban sketching*.

Esses jogos de escalas são bem interessantes, visto que são bastante flexíveis. Ora são demonstradas realidades locais, ora nacionais, ora com encontros de bairro, ora simpósios internacionais. A História Global é intuitivamente relacionada a macro-história, como Conrad aponta, mas a análise de objetos em suas especificidades espaciais pode ser enriquecedora, pois os posiciona no interior de um contexto global. Por isso, um historiador não precisa tentar dar conta de tudo para fazer História Global. Neste caso, não é necessário conhecer todas as cidades de um país para escrever sobre a história deste

país - assim como seus grupos de *urban sketchers*. “Os historiadores globais estão em posição de gerir vários níveis da prática social e de abordar as interações globais, sem terem, forçosamente, de fazer do mundo inteiro a sua unidade de análise”, afirma Conrad (2016, p. 171).

Assim, uma parcela do *Urban Sketchers* pode ser abordada, como se fosse um biólogo que tenta entender uma vegetação e ora se debruça sobre uma folha, ora sobre um arvoredor, para utilizar a metáfora de Conrad (2016). Se as macro-perspectivas tendem a homogeneizar, as micro-perspectivas podem revelar a heterogeneidade de um contexto. Pode-se, desta forma, contar a história do lugar num arco que imprime unidade à diversidade: estar diante do espaço é também estar diante de múltiplas possibilidades, como já abordado anteriormente, pensando no conceito de micro(territorialidade).

Uma última colaboração da História Global para o USk diz respeito ao eurocentrismo. Não basta pensar que combater o eurocentrismo seja dar ênfase ao terceiro mundo: dentro da Europa há um eurocentrismo vinculado às “potências centrais”. Na mídia, nos livros e mesmo na nossa ideia de Europa, nomes como França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal têm um destaque muito grande. O *Urban Sketchers* transgride esse centrismo e coloca em evidência países e regiões, um tanto esquecidas. Rosien Curié põe em evidência a Irlanda, Nina Johanson, a Suécia, Ekaterina Khozatskaya, São Petersburgo, Dan Peterson, Cardiff. É uma forma de conhecer a Europa evitando os clichês do eixo Paris-Londres.

[...] a «Europa» de que falamos aqui foi mais um produto da imaginação do que uma realidade geográfica; foi uma categoria reificada, imbuída de esperanças, medos e repleta de assimetrias do poder geopolítico. O facto de a Europa nunca ter sido uma entidade homogênea, mas antes consideravelmente heterogênea, não afetou a atração exercida pelo conceito. Na verdade, as hierarquias eurocêntricas também foram aplicadas dentro da Europa, como demonstra a imagem de uma Europa Oriental supostamente passiva e atrasada (Conrad, 2016, p. 205-206).

A proposta de olhar o *Urban Sketchers* para além da Europa tradicionalmente imaginada pode ser também a proposta de descentralização do continente, olhando para países que estão fora dos holofotes. Além disso, alguns *sketchers* gostam de desenhar cidades pequenas e que dificilmente conheceríamos se não fosse por compartilhamento dos *sketchers*. Dentro dessas cidades, espaços pouco valorizados são captados, mesmo perseguidos, pelos *sketchers*, que querem fazer da experiência na cidade uma experiência de descoberta do inusitado e do despercebido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das características que Conrad aponta sobre História global, vale destacar que ela não está preocupada apenas com as macro-perspectivas, experimentando noções alternativas de espaço, cuja importância é evidenciada, é inerentemente relacional, dá ênfase na sincronia dos acontecimentos históricos e, por fim, procura não ser eurocêntrica. Se normalmente a maioria das pessoas conhece com qualidade a história do seu próprio país, e o mesmo pode-se dizer dos historiadores, no *Urban Sketchers* essa lógica procura ser invertida, pois a prática permite conhecer tanto o bairro vizinho, antes desconhecido, como o outro lado do mundo, num jogo de escala bem flexibilizado e sem imposição de fronteiras nacionais.



O *Urban Sketchers* é impensável sem o coletivo, sem a conexão com a comunidade, sem a busca de iguais com quem se possa compartilhar momentos e aprendizados. É impensável sem a internet, que promove os contatos. Há uma unidade na percepção do tempo por causa dessas conexões que extrapolam os limites geográficos. Por isso os *urban sketchers* estão diante do espaço, porque cada *sketcher* pode ser um cidadão do mundo e não cidadão de uma pátria - e, diga-se, isso é de grande valor em tempos de extremismos nacionalistas.

Ao destacar a prática e os desenhos produzidos pelos *Urban Sketchers*, observamos os entrelaçamentos entre espaços e pessoas de diferentes locais do globo, constituindo uma comunidade cosmopolita, onde transitam desenhistas e suas imagens, seja fisicamente ou virtualmente. Por isso, a categorização dos seus diversos grupos locais ultrapassa noções nacionalizantes, assim como coloca os grupos não em relações hierárquicas, mas em conexões marcadas por muitas trocas culturais, socialização e aprendizagem mútua de técnicas e estratégias para o *urban sketching*.

Suas publicações no blog oficial ou nas páginas do Instagram não tem caráter nacional, mas cosmopolita, assim como os simpósios anuais já se deram em cidades da Europa, Ásia e Oceania, assim como nas três partes da América (sul, central, norte). Há noções alternativas de espaço, inclusive conexões inesperadas, como a cidade de Torres Vedras e Araraquara, cuja ligação se dá pela facilidade da língua, mas que têm distâncias físicas grandes. Destaca-se também como Seattle, cidade de um migrante espanhol, torna-se local de início de um movimento que atravessaria oceanos e continentes, chegando a uma cidade do interior de Santa Catarina e a metrópoles asiáticas, reunindo pessoas para fazerem coisas muito semelhantes, o desenho urbano *in loco*.

Por fim, como destacado, a prática de uma história global do *Urban Sketchers* não visa a totalidade, mas o fragmento, demonstrando como um fenômeno global é feito de pequenas experiências ao redor do mundo, evidenciadas aqui nos exemplos dados, que são apenas alguns em comparação com os milhares que podem ser encontrados nas diversas plataformas do movimento. Assim, uma noção geral sobre o *Urban Sketchers* é apresentada sem deixar de levar em consideração o clima, o ambiente sócio-político e os elementos culturais locais. Essa também é uma forma de pensar as estruturas sociais mais amplas, como a propagação cada vez maior da internet, mesmo entre classes menos favorecidas e locais menos desenvolvidos.

A História Global não diz respeito a eventos que atingem todos, se fosse assim, seria impossível aplicá-la a qualquer período histórico, visto que ainda hoje numa mesma localidade podem haver pessoas sem acesso a internet ou televisão e outras conectadas com pessoas do mundo todo via tecnologia ou outro modo. Então o USK pode ser visto por essa abordagem global porque é um fenômeno não-nacional que atinge as nações, diminui o efeito das limitações fronteiriças e faz a totalidade não indicar uma presença total, mas que tem alcance a lugares diversos no globo e que em cada local, o global se manifesta.

REFERÊNCIAS

CAMPANARIO, Gabriel. *The art of Urban Sketchers: drawing on location around the world*. Quarry Books: Beverly, 2012.

CAMPOS, Fernanda. *Urban Sketchers Brasil*. Twin city internacional sketchwap. 2014. Disp. em: <http://brasil.urbansketchers.org/2014/02/twin-city-international-sketchwap.html> Acesso em: 29 out. 2016.

COELHO, Jony. *Urban Sketchers Brasil*. Conheça os correspondentes. 2012. Disponível em:



<https://brasil.urbansketchers.org/2012/04/conheca-os-correspondentes-tubarao-sc.html> Acesso em: 5 jul. 2017.

CONRAD, Sebastian. *O que é História Global?* Lisboa: Edições 70, 2016.

DRAYTON, Richard; MOTADEL, David. Discussion: the futures of global history. *Journal of Global History*, v. 13, n. 1, p. 1-21, 2018.

FORTUNA, Carlos. *Cidades e urbanidades*. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

GONZÁLEZ, Ignacio S. *Internet, virtualidad y comunidad*. *Rev. Ciencias Sociales*, n. 108, p. 55-69, 2005.

HERRANZ, Miguel. Protest. *Urban Sketchers*. 2014. Disp. em: <https://urbansketchers.org/2014/02/09/protest/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

KOYAMA, Tina. Tina Koyama. *Urban Sketchers*. 2016. Disponível em: <https://urbansketchers.org/2016/01/04/meet-correspondent-tina-koyama-seattle/>. Acesso em: 11 mai. 2023.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1974.

MILNER-BRAGE, Márcia. *Urban Sketchers*. Downeast Maine (part 2). 2014. Disponível em: <http://www.urbansketchers.org/2014/09/downeast-maine-part-2-weather-light.html> Acesso em: 23 ago 2021.

SCHMIDT, Cristian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP – espaço e tempo*, n. 32, p. 89- 109, 2012.

SERRANO, Inma. Corrala Utopia resists. *Urban Sketchers*. 2014. Disponível em: <https://urbansketchers.org/2014/01/15/corrala-utopia-resists/>. Acesso em: 4 ago. 2023.

SHIRODKAR, Suhita. Little favorites from Brazil. *Urban Sketchers*. 2014. Disponível em: <https://urbansketchers.org/2014/09/28/little-favorites-from-brazil/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Marcelo C. da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História*, n.179, a06119, 2020.

TAMM, Marek. Introduction: Cultural History Goes Global. In: TAMM, Marek; BURKE, Peter (org.) *Debating new approaches to history*. London and New York: Bloomsbury, p. 135-155, 2020.

URBAN SKETCHERS. *Blog*. Who we are/Quem somos nós. Sem data. Disponível em: <https://urbansketchers.org/who-we-are/#mission> Acesso em: 11 jul. 2017.

VALGAS, Paulo H. T. *Urban Sketchers Brasil: memória e sensibilidade nas cidades contemporâneas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, 289 p. 2017. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000086/00008638.pdf> Acesso em: 20 ago. 2021.

VENCESLAU, Joel. *Urban Sketchers Brasil*. Encontro de desenho de rua em Araraquara. 2016. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2016/09/encontro-de-desenho-derua-em-araraquara.html> Acesso em: 4 jul. 2017.

YONG-HWAN, Lee. some sketches of different buildings (...). *Urban Sketchers*. 2015. Disponível em: <https://urbansketchers.org/2015/04/02/some-sketches-of-different-buildings-on/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Paulo Henrique Tôrres Valgas: Instituto Federal Catarinense, Mestre em Artes Visuais, doutorando em História, Universidade Federal de Santa Catarina, CFH, Departamento de História, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Dom Helder Câmara, 35, H101, 88113-467, São José, SC, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: Paulo Henrique Tôrres Valgas.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Paulo Henrique Tôrres Valgas. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.



EDITORA

Eça P. da Silva.

HISTÓRICO

Recebido em: 22 de janeiro de 2022

Aprovado em: 16 de fevereiro de 2024

Como citar: VALGAS, Paulo H. T. O Urban Sketchers como fenômeno global. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 57, p. 288-311, 2024.

